Morrendo um pouco a cada dia: estudo de caso sobre suicídio

Dying a little every day: a case study on suicide

Antônio Bosi[1]
https://orcid.org/0000-0002-0733-1780
http://lattes.cnpq.br/0316432404990249

Recebido em: 02 de setembro de 2025.
Revisão final: 30 de março de 2026.
Aprovado em: 14 de abril de 2026.

https://doi.org/10.46401/arec.2026.v18.24103

1 É mestre em História pela PUC/SP (1997) e doutor em História pela UFF (2002). Tem especialização em Psicanálise Clínica - de Freud a Lacan pela PUC/PR (2023). É professor na Universidade Estadual do Oeste do Paraná desde 1999. E-mail: antonio_bosi@hotmail.com

Resumo: Este artigo discute por que e como fatores históricos, sociais e econômicos podem estar associados ao desejo de se matar a partir de um caso sobre um trabalhador nos anos 1970, na região Oeste do Paraná. O principal argumento está relacionado às conexões entre o drama interior vivido por ele antes do suicídio, a experiência da pobreza e o desemprego provocado pela modernização conservadora do capitalismo no campo.

Palavras-chave: suicídio, pobreza, trabalho.

Abstract: This article discusses why and how historical, social, and economic factors are associated with the desire to commit suicide, based on a case study of a rural laborer in the 1970s. The main argument points to the existence of connections between the inner turmoil he experienced prior to his suicide, the reality of poverty, and unemployment triggered by the conservative modernization of capitalism in the countryside.

Keywords: suicide, poverty, work.

Descobri que se abordasse com sucesso a desesperança dos pacientes na terapia, seus desejos suicidas pareciam se dissipar.
(Beck, 2010)

Muitos depressivos nunca se tornam suicidas. (Solomon, 2001)

Talvez não seja essa uma doença suscetível de observação. (Balzac, 1835-1843)

Introdução

Nasci e cresci em uma cidade repleta de histórias, quase todas folclóricas. Uma delas tem a ver com o suicídio. Havia um bairro habitado por gente simples e pobre vulgarmente denominado Vila Gaiteira. O nome foi emprestado de uma árvore antiga que dividia espaço com a principal rua de terra batida que cruzava o bairro. Embora nem sombra ela fizesse, permanecia ali com o aval dos moradores. A Vila arrastava consigo a fama de ser empoeirada, um lugar perigoso e distante da cidade. A árvore, por sua vez, tinha a sua própria história. De tempos em tempos, alguém decidia enforcar-se nela. Ela funcionava como uma espécie de *Golden Gate*, a ponte em São Francisco, na Califórnia, conhecida devido às centenas de pessoas que se jogaram dela para a morte.

Além desse lugar específico para o suicídio, também chamavam atenção as explicações que circulavam por toda a cidade sobre as "razões" daquele ato final. Geralmente, ouviam-se muitas versões, mas todas incompletas porque a função delas residia em tratar e manter os enforcamentos envoltos em algum tipo de mistério. Inexistia um ponto de vista médico, religioso ou familiar que soubesse dizer inteiramente por que aquelas mortes aconteceram. De modo geral, as diferentes tentativas de desvendar os suicídios concordavam que a forca era uma resposta à determinada falta: falta de juízo para os médicos, falta de Deus para os padres e falta de vontade de viver para a família. Era insensato morrer daquela forma. Depois que as diversas especulações faziam o trabalho de alardear a notícia, restava esta explicação: decidiu se matar porque algo lhe faltava, porque desilusões amorosas e uma vida miserável o fizeram desistir.

Alfred Alvarez aprovaria a ideia de que a "falta" pode se tornar maior do que o desejo de viver. O suicídio, escreveu ele, "pode ser uma espécie de declaração de falência que condena a vida da pessoa como uma longa história de fracassos"

(ALVAREZ, 1999, p. 96). Assim, não importariam muito as realizações da pessoa em vida caso ela cometesse suicídio. Tudo iria água abaixo, seria apagado e, em seu lugar, somente uma sequência de tropeços, uma história de ruínas, imperfeições e desistências seriam lembradas. A identidade profissional, afetiva, familiar, religiosa etc. sucumbiria à definição de "suicida". Uma vez "suicida", tendo rejeitado o mundo, ele mesmo seria rejeitado. Por isso, para os parentes próximos que ficam, esse tipo de morte lhes faz enorme sombra e os estigmatiza. O sofrimento nunca termina com o suicídio. Ele se prolonga de tal maneira que deixa explícita uma recusa geral contra esse tipo de solução. Assim, quando alguém se pendurava na árvore da Vila Gaiteira, o script já estava pronto.

Gostaria de explorar esse senso comum e discutir o suicídio a partir de uma "falta", de uma incompletude na condição humana, experimentada individualmente que, uma vez descoberta, tende a transbordar e paralisar a própria vida. Cogitar a autodestruição não significa "sentir" menos, mas "sentir" demais. Hoje eu sei que as notícias que informaram a respeito dos suicídios ocorridos naquela vila nas décadas de 1970 e 1980 estiveram assentadas em sentimentos de estranhamento, de medo e de curiosidade. Igualmente aos "suicidas", o público mobilizado em torno daquele acontecimento buscava uma explicação que lhe mantivesse afastado e seguro relativamente às "faltas" que ameaçavam a vida. Nesse exato sentido, Emile Durkheim estava certo quando propôs que enxergássemos o suicídio como um "fato social", influenciado por forças sociais mais amplas do que as motivações individuais. Por outro lado, a sua teoria perdeu tração ao mensurar o suicídio a partir de categorias analíticas e estratificações, na tentativa de convertê-lo em um fenômeno social estável e previsível (DURKHEIM, 1973).

Quem também entendeu essas "forças sociais" foi Karl Marx ao identificar a "moral burguesa" como artefato cultural capaz de exaurir tão radicalmente o corpo e a alma de uma mulher, fazendo do suicídio um remédio para o sofrimento. Ele destacou a opressão e a desigualdade social e de gênero responsáveis pela deserção de muitas mulheres. Marx sublinhou marginalmente na obra de Jacques Peuchet (diretor dos Arquivos da Polícia de Paris durante a Restauração de 1814-1830) que o suicídio seria uma tentativa de se livrar de uma existência miserável. Ele escreveu que não entendia "com que direito se poderia exigir do indivíduo que ele preserve em si mesmo uma existência que é espezinhada por nossos hábitos mais corriqueiros, nossos preconceitos, nossas leis e nossos costumes em geral"

(MARX, 2006, p. 27). Marx não estava errado, embora tenha desativado essa linha de raciocínio de suas prioridades.

Acredito que fatores ambientais ainda inscritos na ordem social capitalista podem pressionar fortemente as pessoas de modo a precipitar as suas "faltas" e incompletudes, deixando-as à deriva e perigosamente vulneráveis à desistência da vida. Considerando essa compreensão, pretendo reexaminar o suicídio de um trabalhador rural ocorrido em 1978 no município de Toledo, Paraná, a partir de um Inquérito Policial e da reconstrução histórica do mundo social e econômico em que ele viveu desde 1966. Ele era um trabalhador rural; quando se matou, tinha pouco mais de 40 anos. Deixou duas cartas de adeus e atirou contra a própria cabeça.

O inquérito pesquisado integra o acervo de Autos Criminais da Comarca de Toledo no período de 1954 a 1980, que reúne inquéritos policiais e processos criminais (BOSI, 2003). Quando encontrei esse inquérito, estava ensinando dois estudantes, um da graduação e outro da pós-graduação, a trabalhar com fontes primárias a partir desse acervo. Isso aconteceu em 2016.

Durante as primeiras visitas que fizemos ao extinto Núcleo de Documentação e Pesquisa da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), *campus* de Toledo, após manusear parte das caixas que acondicionam os autos criminais referentes à década de 1950, interessamo-nos por fotografias anexadas em alguns processos. Nossa expectativa era a de que aquelas fotografias pudessem esclarecer aspectos do cotidiano dos trabalhadores das localidades ligadas à Comarca. Ocorre que as fotografias, em sua maioria, eram retratos de pessoas que se mataram. Dali em diante, tratamos os inquéritos policiais sobre suicídios como fontes para os trabalhos acadêmicos dos dois estudantes. Algum tempo depois, retornei àquela documentação perguntando-me em que medida os fatores ambientais podiam ajudar a explicar o suicídio. Então decidi selecionar um inquérito e submetê-lo a essa interrogação.

Na exposição desse material, alterei os nomes das pessoas citadas no inquérito a fim de proteger as suas identidades, uma vez que se trata de documentação sensível. Metodologicamente, procurei situar o trabalhador rural, agora denominado Júlio, na experiência de sua classe social. O objetivo foi entender como ele se orientou por valores e crenças que organizavam o seu mundo e em que medida a sua desistência podia ser explicada pelas pressões sentidas no contexto de tal experiência social, uma abordagem inspirada em

Edward Thompson (THOMPSON, 1988). Como pretendo demonstrar, Júlio ocupou um estrato da classe trabalhadora que permaneceu estacionada, econômica e socialmente, até começar a escorregar para degraus ainda mais baixos, um tipo de experiência que marcou e marca a vida de milhões de trabalhadores, embora tenha sido vivida solitariamente por ele.

Posso dizer que operei com esse critério pensando também nas leituras de Durkheim e de Marx, os quais continuam sendo chaves de análise eficientes, apesar de, conforme argumentei anteriormente, não conseguirem explicar inteiramente a "falta" de Júlio. Agora, retorno a esse material com essa pergunta, talvez em melhores condições de explorar teoricamente esse acontecimento.

O Inquérito

A estrutura do inquérito é a seguinte: autuação, exame cadavérico, apreensão da arma, intimação das testemunhas, oitiva das testemunhas e relatório final. O inquérito foi instalado em 1978 para investigar um suicídio. Embora a capa do inquérito constasse "suicídio" como título, a investigação policial aberta considerava aquela morte como "suspeita". Desde 2019, os resultados de inquéritos que concluem a existência de suicídio devem ser comunicados às autoridades sanitárias a fim de apurar estatísticas e ajudar nas estratégias de prevenção (BRASIL, 2019). À época, o inquérito não servia a isso e era encerrado se constatasse que a morte fosse "autoinfligida".

O inquérito policial é uma peça semiótica formatada em espaços destinados aos relatos de cada pessoa, transformada em testemunha, para falar a respeito do suposto crime, fornecendo uma narrativa do acontecimento. O delegado ou o escrivão interroga as testemunhas em busca de "sinais" que podem ser tornados provas relacionadas ao crime. Além dos indícios encontrados na cena do crime (pegadas, digitais, sangue, armas etc.), havia outros que descreviam moral e psicologicamente o suspeito, definindo sintomas, temperamentos e comportamentos.

O conhecido caso analisado em *O queijo e os Vermes*, de Carlo Ginzburg, ajuda a entender a filtragem judicial geralmente realizada em inquéritos semelhantes ao de Júlio e como determinado comportamento é estigmatizado e reputado contagioso. Assim, Ginzburg esclareceu como os inquisidores de Domenico

Scandella o interrogaram sobre "estranhas opiniões" atribuídas a ele em testemunhos recolhidos pelo vigário local, principalmente a sua "dúvida quanto à virgindade de Maria". Um de seus sete filhos e dois amigos tentaram isentá-lo, espraiando que ele era "louco" ou "possesso". O próprio Ginzburg observou que, se as ideias de Menochio ocorressem um século e meio depois, ele teria sido trancado em um hospício sob o diagnóstico de "delírio religioso" (GINZBURG, 1989). Mas Domenico enfrentou dois processos, não se penitenciou e foi executado. Ele insistiu que seus pensamentos haviam surgido no isolamento, em contato com livros. A morte não lhe chegou por suicídio, porém, a sua resiliência em manter e explicar à Igreja uma visão alternativa acerca do mundo atraiu o fanatismo e a intolerância da Inquisição. Na condição de moleiro alfabetizado, Menocchio leu e interpretou livros, panfletos, brochuras ecléticas e heterodoxas ao catolicismo, por vezes consideradas leituras heréticas. Perto dos 52 anos, seu mundo interno se agitava com as turbulências das ideias que procurava digerir sem ninguém para conversar, nem público para ouvi-lo. Antes da primeira prisão de Domenico, Renato Janine Ribeiro o imaginou triste e solitário na sua fala que ninguém compartilhava, sem interlocução. É provável que estivesse certo.

Menocchio foi acusado e sentenciado de heresia no século XVI. As pessoas que habitavam a mesma aldeia e que ouviram as suas histórias assistiram à sua condenação amedrontados, negando qualquer contato com ele. O discurso da Igreja, imantado nos funcionários da Inquisição, tornou Domenico um herege, e assim ele foi lembrado, exceto pela família e pelo trabalho quase arqueológico de Ginzburg. Para seus pares, sobreviver a Menocchio implicava rejeitá-lo como herege.

O inquérito que apurou a morte de Júlio foi elaborado para confirmar e explicar o suicídio. Inclusive, ele foi assim intitulado. Os relatos recolhidos pelo delegado e pelo escrivão indicaram que a bebida havia corroído o seu juízo e preparado fértil terreno para que ele desconfiasse da esposa e se afundasse em um poço de ciúme. Basicamente, o tiro disparado contra a própria cabeça foi desta forma explicado, como uma rivalidade interna sem solução. Pode-se dizer que o inquérito corrobora a visão da esposa sobre o suicídio e as suas "razões" e, ao mesmo tempo, ordena fatos e datas para sustentar a sua coerência textual. O que resta ilegível é o encadeamento dessa explicação: Matou-se por que o ciúme lhe tirou a razão, ou por que a falta de razão cultivou o ciúme?

O subtexto do inquérito mostra Júlio como alguém "louco" de ciúme. É uma

tese de profunda concordância popular. Sigmund Freud aprovaria essa ideia. A projeção de tamanha expectativa sobre o outro poderia ser enlouquecedora. Ele escreveu que esse tipo de insensatez seria patológico, um tipo de paranoia, um mecanismo de defesa para se proteger de conflitos internos, às vezes enraizados durante a infância (FREUD, 1996, pp. 231-241). Aqui, mais do que em outros pontos da análise do inquérito, os termos mobilizado por Freud ajudam a explicar a condição de Júlio. Entretanto, só é possível rastrear esse caminho inferindo a história de Júlio a partir dos fatores ambientais que caracterizaram seu tempo e estabelecer relações entre afetos (ansiedade e culpa, por exemplo) e experiências vividas.

Qual foi a "falta" que drenou lentamente as suas forças? Os demônios que assombraram Júlio foram gestados desde muito cedo, porém, só encontraram brechas quando ele entrou em sua quarta década de vida e se decepcionou consigo mesmo. A partir dos relatos, verifica-se que ele se sentia solitário e à deriva. Havia sinais de que ele estava desistindo. Nenhum esforço que fizesse conseguiria atar o seu presente ao passado, ligar a pessoa que desejou e planejou ser a quem ele se tornou. Sentir-se traído pela esposa poderia, desse modo, servir-lhe como uma explicação daquela decadência, da falência de seus sonhos.

As cartas de adeus

Júlio era casado, tinha quatro filhos pequenos e morava no interior de Toledo, no Oeste do Paraná. A família habitava um rancho de dois cômodos com quarto e cozinha, sem iluminação elétrica. Poucas coisas mobiliavam a casa. Seus bens se resumiam a uma bicicleta, um facão e uma espingarda calibre 36. A família dependia do que ele recebia trabalhando nas lavouras da região. Fátima, a esposa, afirmou que eram muito pobres. O escrivão registrou que, desde o casamento, sempre passaram necessidade porque o marido bebia muito e ultimamente "deixava a família passar fome". Repetidas vezes, ela e os filhos almoçaram e jantaram na vizinha. Este foi o retrato de Júlio mostrado no inquérito: negligente com a família e alcoólico.

A pauta de perguntas do delegado baseou-se no ódio presumido de Júlio pela esposa. As testemunhas foram interrogadas conforme a lógica dos fatos declarados logo após o suicídio, um dia antes do inquérito. A esposa disse

que, naquele dia, Júlio ameaçou se matar. Algumas horas mais cedo, o sogro contou que seus filhos também ouviram a mesma coisa de Júlio. O inquérito se alinhou ao desejo de se matar e à personalidade de Júlio traçada nos relatos, particularmente o que testemunhou a esposa: todos afirmaram que a decisão de se matar foi baseada no ódio nutrido contra a esposa acusada de infidelidade.

Para Fátima, a relação conjugal estava irremediavelmente desgastada. Seu pai contou ao delegado que ela pensava seriamente em deixar Júlio e se mudar para o Paraguai. Morando na mesma casa, a rotina do casal provavelmente era repleta de insultos e acusações de traição contra Fátima. Talvez por isso ela tenha estendido o tempo de desvario do marido para "toda a vida", embora os demais depoimentos mensuraram a negligência de Júlio em semanas, "nas últimas semanas".

O contexto construído nos depoimentos indicava que Júlio estava paranoico. Não se trata de um diagnóstico, apesar de não haver dúvidas de que a sua saúde mental estava bastante afetada. Havia evidências disso em suas cartas de despedida, uma vez que o seu fracasso era projetado sobre a esposa, vista por ele como adúltera, uma ameaça que requeria proteção. Acusá-la de traição era a sua primeira linha de defesa. Ao mesmo tempo, a espiral em que estava mergulhado não lhe dava uma solução que não fosse a fuga, o suicídio ou a morte da esposa. As cartas de adeus indicam suas cartas. Ele deixou três mensagens, uma delas escrita em um envelope. A primeira carta foi datada cinco dias antes do suicídio, o que aponta para algum planejamento. Nela, Júlio reproduziu alguns versos da canção sertaneja *Coração de Pedra*, intercalados por trechos de sua autoria. A música foi interpretada à época pela dupla Pedro Bento e Zé da Estrada, sendo gravada em 1972. Durante parte dos anos 1970, ela foi tocada em rádio tantas vezes que Júlio a memorizou e fez da letra a sua despedida. A caligrafia é regular, elaborada sem pressa, alinhada à pauta da folha, com poucos erros ortográficos, um rabisco legível de desespero. Se ele estava nervoso, isso não se expressou em sua escrita.

Por que choras mulher tanto assim
Leva a vida que tanto queria
Passa as noites fumando e bebendo
E trocando de amor todo dia
És bonita formosa e tão bela
É a rainha que está no salão
Mas tua alma é feia e escura
É de pedra o teu coração

O teu coração é de pedra
Não tem nem um pouquinho de amor
Tuas juras é só falsidade
Os teus beijos são enganador

Quis te dar uma vida sincera
Não quisestes me acreditar
Preferindo as noites de orgia
Desprezando o modesto lar

Tua vida é de mão em mão
Todos querem teu corpo abraçar
Pra matar seus loucos desejos
Também querem seus lábios beijar
Não esqueças que a tua beleza
Muito breve a orgia dá fim
Os boêmios te desprezarão
Findarás tua vida assim.

Dariuz Galasinski pesquisou cartas de adeus e advertiu a respeito dos riscos de errar na interpretação do conteúdo quando as palavras não são traduzidas relativamente ao contexto do autor. Nesse caso, interessa saber como a experiência de suicídio da pessoa é apresentada nas cartas e qual é a situação social vivenciada e significada por quem planeja se matar (GALASINSKI, 2017). Como as cartas geralmente são curtas, assemelhadas a bilhetes, as palavras estão carregadas de afeto e podem servir como chaves analíticas para acessar os sentimentos e motivos que tornam insuportável a vida de quem pretende se matar.

O trecho sublinhado introduziu a primeira carta de adeus. Os versos traduzem um tema universal da música sertaneja: a dor ligada ao amor. Júlio lamentou e denunciou a sua esposa. Estava com raiva e decepcionado porque supunha ser

traído. A carta é, sobretudo, uma acusação e uma lista de razões que endossa a sua dor. Ele imputou à Fátima um temperamento frio e cruel. Não há dúvidas de que acreditava nesse diagnóstico. Sob seu olhar, a esposa era pecadora e merecia uma longa e imoral penitência. Ele continuou a música que tantas vezes ouviu com versos autorais: "Ainda vai andar de mão em mão e os outros também vão te enganar, de pouco a pouco vai pagando seu pecado". Então, ele retornou à letra: "Tua alma é feia e escura". A carta parece ter sido interrompida nesse ponto porque a caligrafia que se segue é ligeiramente tremida e desordenada. O estilo é abandonado e as acusações ganham um tom menos elaborado: "No céu vai só quem tem alma pura, mulher casada não pode ser faladeira e nem namoradeira. *Mulher* tem que ser mulher e não rainha do fuxico. *não* adianta mais *xorar* já que você disse *diverssas* vez que vai ganhar mais fácil". À margem da carta, ele acrescenta: "Aqui está o resultado das tuas brigas com marido". Nota-se que a linguagem a partir da qual Júlio se expressava brotava de dois universos, o machista e o cristão, e foi empregada para atacar o comportamento de sua esposa, julgado por ele como insidioso: o adultério e a traição de Judas.

Como informei, essa carta foi escrita cinco dias antes de se matar. Apenas uma frase antecipou o que faria e posso considerar a possibilidade de ter sido acrescentada no dia do suicídio, haja vista que foi redigida fora do corpo do texto. De qualquer forma, o adeus de Júlio acusou e responsabilizou a esposa por se sentir derrotado, e esse fracasso encontrou expressão na bebida em suas últimas semanas de vida. Júlio não conseguia alimentar a família porque o que recebia pelo trabalho nas lavouras não era suficiente. Pensar que a bebida corroía os seus ganhos não explica a pobreza que dominou a sua existência contabilizada por mirrados móveis puídos, uma bicicleta, um facão e uma espingarda calibre 36. Ele e a esposa trocaram Santa Catarina pelo Paraná em 1966, movidos pela mesma expectativa triunfante que animou milhares de migrantes a se deslocarem do extremo Sul do país para o Oeste paranaense nas décadas de 1950 e 1960. Durante pouco mais de 10 anos no Paraná, Júlio não prosperou economicamente, não conseguiu acumular capital para comprar terras, nem melhorou as condições de vida da família. A experiência da pobreza certamente subtraiu-lhe a força moral e, portanto, é mais plausível enxergar a sua desistência dentro de um percurso longo, que não se restringiu às últimas semanas de bebedeira mencionadas nos testemunhos. Como observou Albert Camus, o suicídio é a parte final de um trajeto pontuado de sofrimentos em que nenhuma solução parece "suficiente"

(CAMUS, 2022).

A primeira carta ajuda a explorar essa hipótese à medida que nela há pensamentos indicando crenças, intenções, motivos e juízos de valor por meio das quais Júlio registrou o seu sofrimento. A ideia é relativamente simples. Cada vez mais pobre e sem visualizar alternativas econômicas, ele sentiu-se traído pela vida. A esperança levada para o Paraná não se realizou. Mas não havia a quem culpar. Ele escutava a esposa se queixar das prateleiras vazias e reagia acusando-a de magoá-lo. A pobreza era algo fora do seu controle. Júlio não sabia explicá-la, assim como não tinha recursos intelectuais e emocionais para lidar com aquela pressão. Estava tão mergulhado em entender aquela falência pessoal que não se lembrou de se despedir dos filhos. Nesse contexto, vicejou a ideia de uma vingança além-túmulo.

A segunda carta foi escrita com menos zelo ou com desmedido sentimento de raiva. "A última lembrança. Fátima Maria rainha do fuxico. Me sumo do mapa e você é a culpada puta 'traitora' de seu marido, e quem está de fora não meta o nariz, que vai comungar sem fazer boa confissão. Ninguém não vai me achar neste Mundo". As quatro linhas que compõem a carta não parecem planejar o suicídio. Nelas, Júlio anunciou que iria embora. Dominado pela raiva, ele detratou sua esposa e a culpou de traição. Essa raiva se alimentava do suposto adultério de Fátima e cresceu de tal modo que passou a incluir vizinhos, tomando-os por pecadores porque queriam "comungar sem fazer boa confissão". Ele enxergou nisso uma conspiração contra si que protegia a esposa e avalizava o comportamento infiel. Esses pensamentos inflaram o seu desconforto emocional, fazendo a raiva escalar até restar a Júlio o revide. Por isso, a ameaça de "desaparecer", de se ausentar: "Ninguém não vai me achar neste Mundo".

Naqueles derradeiros dias, Júlio vocalizou as queixas escritas nas cartas. Ao sogro, havia reclamado que Fátima era "fuxiqueira" e "namoradeira", mas não lhe confessou vontade de se matar. Ele passava parte de seu tempo em um bar na vila onde morava. Ali ele ruminava sentimentos de rejeição, de humilhação e de raiva. Nesse quadro, qualquer horizonte de vida perderia força, esbarrando constantemente em uma ideação de abandono. Talvez o uso de álcool, de fato, tenha se tornado frequente, o que poderia agravar as desconfianças com relação à esposa. Projetando o seu fracasso no suposto comportamento adúltero da esposa, ele via três soluções: fugir, suicidar-se ou assassinar Fátima. Discursivamente, ele criou três possibilidades para reparar a própria falência. Uma delas, o suicídio,

conferia unidade aos outros desejos manifestados. Contudo, antes de examinar esse aspecto, é importante analisar quais forças sociais e econômicas pesaram contra Júlio para limitá-lo à condição de pobreza.

Trabalho e Pobreza

Não consegui informações a respeito de Júlio e de Fátima antes de chegarem ao Paraná. O que se pode inferir é que se casaram em 1966, em uma minúscula cidade no Oeste de Santa Catarina; logo depois, decidiram migrar. O corredor de migração para o Oeste paranaense partia do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. A região foi loteada pela Colonizadora Rio Paraná (Maripá). Cada gleba de terra media 25 hectares e era vendida prioritariamente para egressos do extremo Sul do país, de descendência germânica ou italiana. Esses lotes receberam o nome de "colônias", e seus donos trabalhavam direta e pessoalmente nelas com a participação da família, às vezes pagando alguém para ajudar.

No começo da década de 1950, já havia famílias reocupando a região Oeste do Paraná. Joe Foweraker argumenta que geralmente o migrante comprava o lote no Paraná com o dinheiro da venda de seu minifúndio no extremo Sul. Essa decisão era motivada por dois fatores: a pressão demográfica, que forçava constante fragmentação da propriedade rural, inviabilizando a subsistência para todos os membros da família (FOWERAKER, 1981, p. 67); e uma drástica queda da fertilidade do solo dos minifúndios no extremo Sul cultivados por italianos e alemães conforme o "sistema de bugre", uma agricultura rudimentar que esgota a terra, como apontou Jean Roche (ROCHE, 1963). Esses migrantes levaram consigo as técnicas rudimentares utilizadas na derrubada das matas e no preparo do solo, especialmente a queimada.

Júlio tinha aproximadamente 33 anos de idade quando deixou Santa Catarina. É possível considerá-lo em três posições: trabalhador rural, algum tipo de arrendatário ou meeiro ou filho de pais proprietários de um minifúndio já bastante reduzido. Ele se casou na comarca de um município do Oeste catarinense, perto da fronteira com o Sudoeste do Paraná, onde conflitos por terras não eram incomuns. Ali, frequentemente se suspeitava do comércio de terras. Havia posseiros, antigos donos, grileiros e, finalmente, governadores que "titulavam terras" duas ou mais vezes. Essa prática implicava a venda de terras

que não existiam na expectativa de que o Estado encontrasse mais terras para cobrir as vendas (FOWERAKER, 1981, p.108). Cerca de 20 empresas "colonizadoras" operaram na fronteira.

No final dos anos 1960, quando Júlio se mudou para o município de Toledo, no Oeste paranaense, o mercado de terras tinha mudado. Os lotes anunciados pelas empresas colonizadoras nas décadas de 40 e 50 haviam sido vendidos; ao final dos anos 1960, o valor do hectare havia aumentado muitas vezes em relação a 20 anos antes. Essa realidade colocou Júlio na condição de trabalhador rural, empregando-se em atividades agrícolas e pecuárias nas colônias da região. Àquela altura, a concentração fundiária se impunha ao mesmo tempo em que muitas colônias viravam espólio e eram fragmentadas. Júlio e a esposa dependiam da oferta de trabalho na lavoura e do manejo de porcos em chiqueirões nas propriedades maiores. O tipo de trabalho disponível para eles também era oferecido aos paraguaios, antigos posseiros e filhos de colonos que se proletarizavam devido à pressão demográfica. Nesse caso, já se contava com o Estatuto do Trabalhador Rural desde dezembro de 1963, mas a negligência dos direitos trabalhistas não era algo estranho.

O gênero de vida de trabalhadores iguais a Júlio era precaríssimo e, não raras vezes, podia ser considerado pior do que a realidade do camponês, do parceiro e do meeiro de 30 ou 40 anos atrás. A casa, chamada de "rancho", tinha paredes de pau a pique cobertas de palha. Pouca coisa do que se comia vinha de plantação própria; quase tudo tinha que ser comprado. Nesse quadro, a mobilidade social de Júlio e de Fátima era uma miragem, e tornou-se ainda menos provável à medida que os filhos nasceram.

As relações de trabalho que Júlio conhecia foram desaparecendo e cedendo espaço para o uso de tratores, debulhadoras, máquinas de plantio direto e colheitadeiras. Antes dos anos 1960, arados de tração animal predominavam, a colheita era feita manualmente e a enxada funcionava como a principal ferramenta de trabalho. Metade dos proprietários de terra não tinha debulhadoras de milho e eram poucos os que conseguiam acesso a tratores. No final da década de 1960, a estimativa era que havia aproximadamente 200 tratores em um universo aproximado de 52 mil propriedades na região (MULLER, 1986). Quinze anos depois, registraram-se na região 13 mil arados de tração mecânica e quase 6 mil colheitadeiras (FOWERAKER, 1981). Em 1975, os números eram de cerca de 10 mil tratores e quase seis mil colheitadeiras. Sem dúvida, a base tecnológica do

capitalismo naquele lugar mudou rapidamente em menos de 20 anos. O mundo ao qual Júlio se acostumou estava se desfazendo.

Concomitante a isso, a prática da monocultura ganhava cada vez mais espaço na região, especialmente com o plantio de soja, leguminosa ali introduzida em meados dos anos 1960, pouco antes de Júlio se mudar. Rapidamente, a produção de soja foi contada em milhares de toneladas. Em 1965, a colheita foi de 26 mil toneladas de soja. Cinco anos depois, o número subiu para 228 mil toneladas, tornando-se o principal produto agrícola na região. Em 1975, pouco mais de uma década depois de iniciadas as lavouras de soja, a produção saltou para cinco milhões de toneladas. A segunda monocultura era a lavoura de milho. Em 1956, a produção de milho foi de 57 mil toneladas. Três anos depois, aumentou para 124 mil toneladas e, em 1963, para 336 mil toneladas. Em 1965, a produção alcançou meio milhão de toneladas (IPARDES, 1985; MULLER, 1986). O milho funcionava como múltiplo de porcos, uma vez que, via de regra, cada colônia mantinha um chiqueirão. O trigo aparecia como terceira monocultura que se intercalava com as duas anteriores.

A concentração fundiária que antes favorecia o aumento de trabalho assalariado tomou outra direção à medida que avançava a mecanização das lavouras. O comércio de terras desde a metade dos anos 1960 reorganizou as colônias em pequenas, médias e grandes. Entretanto, a presença das propriedades classificadas como pequenas continuava a predominar. Em 1970, as colônias que mediam entre 20 e 50 hectares somaram 44% do total. As propriedades maiores, entre 50 e 1.000 hectares, equivaliam a 16%. As colônias com menos de 20 hectares atingiam 40% do total, o que significava que 84% das propriedades contratavam pouca mão de obra assalariada (MULLER, 1986).

A consequência de tudo isso para trabalhadores iguais a Júlio podia ser vista no encolhimento dos braços ocupados nas lavouras. Em 1970, a população das áreas rurais na região era de aproximadamente 80%. Esses trabalhadores foram essenciais no desmatamento, no preparo do plantio, na capina das lavouras, na colheita, na limpeza dos grãos, na manutenção dos chiqueirões, em diversas tarefas que diminuíram ou desapareceram devido à introdução de novas tecnologias utilizadas nas lavouras. Economicamente, o campo dominava as cidades porque a força de trabalho e os meios de produção "urbanos" (bancos, comércio, metalúrgicas etc.) existiam em razão das atividades rurais. Trabalhadores avulsos, familiarizados com tarefas manuais, perderam

importância e se tornaram a parte recessiva nesse cenário. A maioria dessa população enxergou as cidades como uma solução.

Em 1980, dois anos depois de Júlio se suicidar, o censo registrou equilíbrio entre a população residente no campo e nas cidades. Na região onde ele morava, contou-se 476 mil pessoas, oito mil a menos do que os 484 mil habitantes das cidades. A população rural declinou de 602 mil registrados em 1970 para 576 mil em 1980. Doze anos depois da morte de Júlio, a população urbana tornou-se maior do que a rural. As cidades totalizaram 72% de um milhão de habitantes contados na região. Em sentido inverso, o campo, que representava 80% da população em 1970, recuou para menos de 30%. A demanda pelo trabalho avulso no campo diminuiu drasticamente, mas não desapareceu. Entretanto, era um trabalho sazonal e acessório às lavouras e ao manejo de porcos. De fato, o novo retrato econômico do campo deixava de fora milhares de trabalhadores. A principal saída encontrada era ir às cidades, um êxodo do qual Júlio e a família não fizeram parte. Quando ele escreveu as suas cartas de adeus, mais de 100 mil pessoas que moravam e trabalhavam no campo haviam se mudado para as cidades.

Inutilidade

Existe uma miríade de estudos que mapearam os deslocamentos humanos do campo para a cidade ocorridos no Brasil ao longo do século XX (SOUZA, 1973; SINGER, 1986; SILVA, 1999; NOVAES, 2007). As palavras que nomeiam essa dinâmica descrevem "vazios" e "superlativos" tais como "esvaziamento" do campo, "êxodo rural", "urbanização" e "industrialização". Todas as vezes que o capitalismo mudou de marcha, os trabalhadores foram estratificados em "sobreviventes" ou "afogados", uma alusão a Primo Levi. Júlio esteve entre os afogados. Os "vazios" e os "superlativos" fizeram parte de sua experiência de pobreza processada como fracasso pessoal que ele tomou por traição. Não é difícil ver a sua paranoia desdobrando-se de um vocabulário engajado em valores machistas e misóginos que dominaram a sua época. Ele sentiu-se pressionado por essa experiência e reagiu solitariamente a ela. Sem avistar saídas, o suicídio lhe pareceu ser a solução.

Júlio não aceitou a pobreza, ao menos não passivamente. Ele não tinha nenhuma sensação de controle sobre a sua vida e com relação à família. Acusar a esposa de adultério e "fuxico" era um sintoma dessa sensação. Mas a sua pobreza estava longe de ser uma experiência inédita para ele. Nos 30 anos vividos no Oeste catarinense, testemunhou a estrutura fundiária e as relações de trabalho mudarem de tal forma que se sentiu ameaçado testemunhando seu mundo se desintegrar lentamente. A reocupação daquela região começou na década de 1920. Lá, a acumulação capitalista se deu pelo extrativismo, em seguida pela lavoura e pela suinocultura, que abasteceu a primeira planta produtiva da Sadia. No final dos anos 1960, a região gerava o seu próprio excedente populacional. Júlio e a esposa integraram esse "excedente" cuja principal opção era a migração.

Pode-se imaginar a situação vivida por ele como um ponto de passagem. O seu mundo estava ruindo e as novidades lhes eram estranhas. As tecnologias inovavam o modo de produzir e de trabalhar no campo e, além de não haver ocupação para todos, os trabalhadores precisavam se adaptar àqueles meios de produção. Um dos problemas que as inovações tecnológicas provocam nos trabalhadores é a obsolescência. Uma mudança radical no modo com que o trabalho é executado pode tornar inúteis muitos deles, e a questão não se resume ao fato de o trabalhador nessa condição ser ejetado do sistema, mas revela também a sua posição sob forças que agem em sentidos opostos. O mundo que ele vê em transformação é estranho porque seu mundo interno insiste em preservar os mesmos valores e conhecimentos ligados ao trabalho e à vida. Em algum momento, Júlio percebeu isso e se assustou. O que ele sabia e dominava não servia mais, ou então foi requerido marginalmente pelo sistema. Raymond Williams chamou esse tipo de experiência de "residual", algo que se formou no passado, mas que ainda está ativo no presente e, portanto, fora de lugar (WILLIAMS, 1979, p. 125). O residual pode assumir a forma de resistência política e cultural, como a agricultura familiar e orgânica, porém, isso não esteve ao alcance dele. Era nesse contexto que Júlio se "afogava".

Trabalhadores nessa mesma situação não aparecem nas estatísticas como desistentes. São classificados conforme o gênero, a idade, a renda, mas as suas renúncias não figuram dentro de nenhum grupo. A maioria deles reagiu às mudanças nas relações de trabalho sem cogitar o suicídio (ou, se cogitado, não o realizaram). Por sua vez, o trajeto que Júlio percorreu até cometer o suicídio foi longo. Ao que parece, ele não identificou, nem percebeu as forças estruturais que

o empobreceram. A filha da vizinha de Fátima, ouvida pelo delegado, entendeu as transformações que estavam em curso. Ela disse que "ultimamente pôde notar que Júlio apresentava sintomas de debilidade mental; que, a família de Júlio, com a crise na lavoura, vivia numa penúria, e a comida era fornecida com a bondade dos vizinhos". Essa é a única conexão no inquérito que sugere uma explicação social para o suicídio. Loucura, crise, penúria e caridade. O comportamento desregrado e insano de Júlio, descrito no inquérito, acontecia em um contexto de penúria causado pela "crise na lavoura". E não há, nos depoimentos, evidências de que ele acolhesse bem "a bondade dos vizinhos". Ao contrário, a inclusão da vizinha na segunda carta de adeus soa como advertência: "quem está de fora não meta o nariz, que vai comungar sem fazer boa confissão".

Quando se está no degrau mais baixo da escala social, os sinais de mal-estar nem sempre são claros. A experiência da pobreza (e do empobrecimento) pode ser vivida em silêncio, em meio a sentimentos de vergonha, de culpa e de humilhação. E sem contar com distrações para esse sofrimento calado, o álcool às vezes traveste-se de salvação. Já apontei os motivos que tornaram inútil o trabalho de Júlio. A sua "Última lembrança", título da segunda carta de adeus, refletia o modo melancólico com que ele percebia a própria inutilidade naquele mundo do trabalho em transformação. Sem saber lidar com as máquinas que tornavam a sua presença supérflua, desnecessária e ociosa, ele sofria com a sensação de ser descartado. No inquérito, a visão predominante apontou que ele tinha algum tipo de "debilidade mental", negligenciava a família e abandonara deliberadamente o trabalho. Essa era a tese de Fátima.

Nas duas cartas de adeus, ele detratou Fátima. A letra da canção citada expressava claramente machismo e misoginia. Uma delas dizia que a esposa era "culpada" por tudo de ruim. Entretanto, as cartas expressavam também alguma ambivalência, uma vez que ele mencionou três possíveis saídas: fugir, suicidar-se ou matar a esposa. Abandonar a família podia ser a solução menos traumática, mas cinco dias depois de ter escrito a primeira carta ele manteve ativado apenas os outros desfechos. A seguir, examino isso de perto.

No inquérito, no dia do suicídio, Fátima disse que o marido a chamou para ajudá-lo na lavoura arrancando soja. Ao ver o facão preso à bicicleta, respondeu que não iria. Ele saiu sozinho "sem deixar dinheiro e nem mantimento em casa". Ela disse que, naquele dia, Júlio foi ao bar "na hora do meio dia" e que alguém lhe contou que ele almoçou no bar, sublinhando a negligência do marido. Júlio estava

vestido com uma camisa de tecido sintético puída, da marca "volta ao mundo", e uma calça de brim marrom. Os pés calçavam um par de havaianas gastas. No bolso, carregava 55 cruzeiros, cerca de 3,5% do salário-mínimo de 1978, dinheiro suficiente para comprar cinco quilos de arroz, um quilo de feijão, um litro de banha e uma galinha. No bar, ele bebeu e comeu. O que se passa na cabeça de alguém que deseja se matar, que carrega consigo, há cinco dias, uma carta declarando os motivos que tornaram a sua vida insuportável?

Júlio deixou o bar em direção à casa do sogro. A bicicleta precisava de conserto e lá havia ferramentas para isso. Na presença dos cunhados, ele desabafou e disse que se mataria. A angústia que o atormentava se prolongou até as 22 horas. Em casa, ele "apanhava a bicicleta, saía, voltava e tornava a sair". Ele tinha dúvidas sobre o que fazer. Quando cessou aquele vai e vem, a esposa relatou "que [ele] havia feito um plano". Fátima ouviu as queixas do marido, pegou os filhos e foi até a casa da vizinha, onde jantaram. Acompanhada da vizinha, ela voltou para casa, acomodou dois de seus filhos na cama e pediu para não ficar sozinha "pois temia que seu marido, ao regressar, poderia matá-la". No depoimento, ela disse que "Júlio surgiu de uma pequena dispensa, brandindo um facão e enveredou para o lado de sua esposa". Ela se defendeu como pode e, ajudada pela vizinha, conseguiu sair do rancho. Não há informação sobre as duas crianças, se saíram ou se ficaram. Então, ouviram um disparo. O inquérito informa que, por volta das 22h30, na localidade de Toledo, "o indivíduo Júlio, utilizando-se de uma espingarda, marca Rossi, calibre 36, suicidou-se com tiro no ouvido direito, tendo morte instantânea."

Considerações Finais

Retomando as epígrafes, Andrew Solomon e Honoré de Balzac tinham razão sobre o suicídio. Quadros depressivos não necessariamente se convertem em tentativas de autodestruição, assim como não há uma nosologia que permita observar esse ato fatal como uma doença. Talvez Aaron Beck também estivesse certo ao recomendar que se abordem os desejos suicidas do paciente, submetendo-os a interpretações menos distorcidas da realidade, evitando que se frutifique o sentimento de desesperança. A sua expertise como fundador da Terapia Cognitiva e autor do clássico *Terapia Cognitivo-Comportamental*

para Pacientes Suicidas projetou um método bastante utilizado para lidar com essa condição (BECK, 2010). Contudo, não é possível mensurar tratamentos bem-sucedidos de pacientes com ideação suicida ou aqueles que, depois de fracassarem em suas tentativas, desistiram de se matar.

Na verdade, há muitas explicações para o desejo de morrer, mas o suicídio não é necessariamente um ato alucinado. O que foi possível conhecer no inquérito indica isso, que o sofrimento é uma experiência tão imersa na sociedade quanto vulnerável a ela, e, pela força que tem, é capaz de levar a pessoa a desistir de viver.

A pobreza é o traço mais recorrente entre pessoas que se suicidam. Muitos estudos de natureza quantitativa concluíram que a flutuação das taxas de suicídio está associada às mudanças sociais, especialmente às crises econômicas que castigam trabalhadores mais pobres. Depois de Durkheim, Peter Sainsbury examinou 390 suicídios cometidos em Londres, entre 1936 e 1938, e verificou que fatores sociais explicavam 60% dos casos. Dentro desse universo, o número de desempregados que se matou era bem maior do que a quantidade de pessoas empregadas (SAINSBURY, 1955). Erwin Stengel questionou os critérios utilizados por Sainsbury, embora concordasse com a predominância dos fatores sociais. Ele pontuou a existência de outros motivos, incluídas as desordens mentais, que poderiam estar abrigados sob algum dos cinco critérios aplicados no estudo. A sua investigação mapeou outras variáveis para explicar as tentativas de suicídio, mesmo que tenha tratado separadamente os fatores sociais dos psicológicos. Publicado em 1964, o livro representou a visão hegemônica da época sobre tratar distintamente tais fatores (STENGEL, 1964, p. 39-41).

Atualmente, prevalece a ideia de que o suicídio se liga a determinado transtorno mental, algum tipo de perturbação persistente que coloca as pessoas em risco de se matarem. A desesperança, os pensamentos distorcidos da realidade, a impulsividade, a depressão severa e outros estados que comprometem o humor representam "fatores de risco" e precisam ser tratados. Por outro lado, a matriz teórica inaugurada por Durkheim perdeu prestígio. Ela ainda é citada, mas não encontra espaço nas políticas públicas. Fatores sociais, ou o que Marx chamou de "nossos preconceitos, nossas leis e nossos costumes em geral", quando figuram nos discursos e textos que identificam "fatores de risco", geralmente cumprem uma função estética de ornamentar o juízo profissional que notifica o paciente sobre os riscos que corre, afinal, não há medicamento ou tratamento

para combater a pobreza material.

Histórias semelhantes à de Júlio, porém, podem ajudar a compreender o suicídio. Ele sentia-se culpado e queixava-se da realidade, embora não entendesse inteiramente a equação econômica e social que o tornara inútil, traduzida pela filha da vizinha como uma "crise da lavoura". De fato, ele não sabia nomear o que lhe acontecia e, assim, mergulhava em um abismo. Uma forma de interpretar essa situação é considerar que Júlio não conseguia decifrar a culpa que sentia e, por isso, a projetava sobre a esposa. Alfred Alvarez chamou atenção para esse tipo de reação, argumentando que, na iminência do suicídio, a pessoa se defende de sua própria hostilidade como vítima e trata os outros como carrascos (ALVAREZ, 1999, p.115). Foi o que Júlio escreveu na segunda carta de adeus: "Me sumo do mapa e você é a culpada".

No início deste artigo, antecipei a hipótese utilizada no trabalho com o material de pesquisa. Escrevi que Júlio decidiu se matar porque se viu alquebrado e fracassado, porque acreditou que fora traído e porque uma situação miserável lhe fez desistir de viver. Em algum momento, a sua quase indigência financeira se tornou permanente e a presença de seu trabalho nas lavouras mostrou-se desnecessária. Em vista disso, ele sentiu raiva em uma escala crescente e constante e passou a suspeitar da fidelidade da esposa, alimentando um comportamento paranoico com relação a ela. Júlio estava prisioneiro do ódio.

Os pensamentos, os sentimentos e os juízos a respeito da esposa que empalideceram a sua vida tinham lastro no passado, em experiências construídas no terreno social, conectadas a uma dinâmica econômica que o empobreceu, que ameaçou seu trabalho e que o fez se sentir humilhado. Na verdade, o seu mundo era cronicamente hostil. Por isso, as reclamações feitas à mulher representavam protestos contra a falta de amor, mas não com relação ao afeto conjugal; Júlio não se sentia amado por ninguém. Ao contrário, o seu ciúme, que podia ser delirante, e que interpretava qualquer olhar como traição, espelhava aquilo que lhe faltava.

Referências

ALVAREZ, Alfred. **O Deus Selvagem.** Um estudo do suicídio. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

BALZAC, Honoré de. **A comédia humana.** Volume 7. São Paulo: Globo, 2013.

BECK, Aaron T. **Terapia Cognitivo-Comportamental para Pacientes Suicidas.** Porto Alegre: Artmed, 2010.

BOSI, A.P. **Catálogo da Coleção dos Autos Criminais da Comarca de Toledo (1954-1980)**. Cascavel: Edunioeste, 2003.

BRASIL. Lei nº 13.819, de 26 de abril de 2019. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ ccivil_03/_ato2019-2022/2019/lei/L13819.htm. Acesso em 12 nov. 2024.

CAMUS, Albert. **O Mito de Sísifo.** Rio de Janeiro: Record, 2022.

DURKHEIM, Emile. **O Suicídio.** Estudo Sociológico. Lisboa: Editorial Presença, 1973.

FOWERAKER, Joe. **The Struggle for land.** A Political Economy of the Pionner Frontier in Brazil from 1930 to the present Day. Cambridge/UK: Cambridge University Press, 1981.

GALASINSKI, Dariuz. **Discourses of Men's Suicide Notes.** A Qualitative Analysis. London: Bloomsbury Publishing Plc, 2017.

GINZBURG, Carlo. **O Queijo e os Vermes.** O cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

IPARDES. Consequências Sociais das Transformações Tecnológicas na Agricultura do Paraná. Texto Síntese. Curitiba, 1985. Disponível em: https://www.ipardes.pr.gov.br/ Pagina/Relatorios-de-Pesquisa-1985. Acesso em 9 mar. 2020.

MARTINS, José de Souza. **A imigração e a crise do Brasil agrário.** São Paulo: Pioneira, 1973.

MARX, Karl. **Sobre o Suicídio.** São Paulo: Boitempo, 2006.

MULLER, Keith D. Colonização Pioneira no Sul do Brasil: O caso de Toledo, Paraná. **Revista Brasileira de Geografia.** Rio de Janeiro, 48(1): 83-139, jan./mar., 1986. Disponível em: https://biblat.unam.mx/pt/revista/revista-brasileira-de-

-geografia/7. Acesso em 11 abr. 2020.

NOVAES, J.R.; ALVES, F. (Orgs.). **Migrantes. Trabalho e Trabalhadores no Complexo Agroindustrial Canavieiro.** São Carlos: Edufscar, 2007.

ROCHE, Jean. Les systèmes agraires dans les colonies allemandes du sud du Brésil. **Études Rurales,** n°10, 1963. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/rural_0014-2182_1963 _num_ 10_1_1090. Acesso em 22 abr. 2020.

SAINSBURY, Peter. **Suicide in London.** An Ecological Study. London: Chapman and Hall, 1955.

SOLOMON, Andrew. **O Demônio do Meio-Dia.** Uma anatomia da depressão. São Paulo: Cia das Letras, 2018.

SINGER, Paul. **Economia política da urbanização.** São Paulo: Editora Contexto, 1986.

SILVA, M.A.M. **Errantes do Fim do Século.** São Paulo: Editora da Unesp, 1999.

STENGEL, Erwin. **Suicide and Attempted Suicide.** London: Penguin Books, 1964.

THOMPSON, E.P. **A Formação da Classe Operária Inglesa.** Volume 1. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura.** Rio de Janeiro: Zahar, 1979.